

LOULETANO

JORNAL PROGRESSISTA—DIRECTOR POLITICO E EDITOR RESPONSAVEL J. P. LANÇA

ASSIGNATURAS—Por trimestre, pago adiantado, 500 réis; semestre, 900 réis; anno, 13600 réis; numero avulso 40 réis. Para fora de Loulé aereos o preço das estampillas.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua de S. Sebastião, 72 e 74, ou á rua da Barbacem 10 e 12—Loulé.

PUBLICAÇÕES—No corpo do jornal, por linha 40 réis; annuncios, por linha de typo commum, 20 réis; annuncios permanentes, ajuste particular. Annuncia-se qualquer publicação litteraria recebendo-se 2 exemplares. Os originaes enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

LOULÉ

O sr. José Dias, que em 1892 tomou as redas da governação, foi recebido pela opinião publica como o salvador do paiz; os próprios partidos que até então se succediam na rotação constitucional lhe prestaram todo o apoio e auxilio, as camaras concederam-lhe poderes para realisar as reformas urgentes e necessarias afim de minorar o mal das nossas finanças, tão arruinadas, e debellar, não só a crise financeira, mas tambem, e talvez mais digna d'attenção, a crise economica, a crise do trabalho, que faz temer continuos tumultos; d'esses poderes exhorbitou o sr. José Dias, fazendo publicar, tumultuariamente e á ultima hora, e nas vespéras da abertura das camaras, reformas que não se recomendavam pela urgencia da sua publicação e que bem podiam esperar mais dois dias para serem presentes ao parlamento; n'este caso está a reforma de Cabo Verde e outras.

Como correspondeu o sr. José Dias á benevolencia dos partidos e á boa accettazione que o publico tinha feito da sua subida aos conselhos da coroa? O sr. José Dias encarregou-se de dissipar as esperanças d'aquelles que confiavam n'elle como sendo o unico que podesse rehabilitar-nos aos olhos de nacionaes e estrangeiros e que, com pulso de ferro, sustivesse a corrente d'immoralidade que ameaça levar-nos ao abysmo, d'onde nunca mais sairemos!

Muitos viam n'elle o homeni d'energia, que saltasse por cima de todos os obstaculos; que se lhe deparassem já na redacção dos quadros do pessoal, já em reformas que lezassem os apregoados legitimos direitos d'aquelles que só recebem os pingues ordenados sem nunca irem ás repartições.

O passado do sr. José Dias está em perfeita contradição com o presente.

O actual presidente do conselho, subiu pela primeira vez aos conselhos da coroa em janeiro de 1868, com a queda do ministerio Fontes, em virtude do movimento popular conhecido pela *Janeirinha*, cuja scena, se não a principal, pelo menos uma das primeiras, foi a apresentação do sr. José Dias no Paço, á frente d'uma grande massa de povo, que protestava contra o imposto do consumo e outras medidas de fazenda, decretadas pelo gabinete Fontes; e 25 annos depois é o proprio sr. José Dias que apresenta medidas e disposições que sempre condemnou!

Um dos primeiros actos do gabinete Avila, de que o sr. José Dias fez parte, foi dar uma satisfação á opinião publica, bastante exaltada pelas disposições vexatorias promulgadas pelo ministerio Fontes, revogando estas, que tão mal accetitas tinham sido; e n'esse tempo as condições, se bem que um pouco graves, não eram comparaveis ás actuaes; as crises financeira e economica são agora muito profundas.

Desde então para cá o sr. José Dias systematicamente atacava todos, e tudo reprovava, o que deu lugar a muitos esperarem medidas justas e

rasgadas, mas todos ficaram ludibriados com as disposições que geral clamor têm levantado.

Não se recordará o sr. José Dias das palavras proferidas pelo sr. Lobo d'Avila, em 1868, ao apresentar-se nas camaras?

Aqui as vamos reproduzir: «Não se pode fazer o paiz feliz á força, nem reformar o por atacado. Olhae bem que quando a opinião publica se manifesta em desacordo com as idéas de qualquer governo, o resultado é um conflicto, e não ha de ser a nação que se ha de retirar deante do governo, mas o governo que se ha de retirar deante da nação.»

Retire-se, pois, sr. José Dias, para proveito do paiz, e salve alguns reatos de bom nome que por acaso anda lhe pareça, que possue.

Loulé e seus melhoramentos

(Conclusão)

Dispenderam-se, ha mezes, cremos que perto de 100\$000 réis com uma planta para a construcção do mercado do peixe. Essa planta veio e ali se conserva nos archivos da camara, aguardando-se não sabemos que epocha propria para a sua execucao. Presentemente, com relação a fundos, a nossa camara encontra-se no mesmo estado, de baixa que a distinguia quando mandou que se fizesse a referida planta; isto é, agora um pouco mais pobre ainda. Falta-lhe o que gastou com a dita planta, que de resto não é d'uma absoluta superfluidade. Porque, afinal, sempre que algum forasteiro curioso de conhecer os progressos da terra nos procurar para lhos indicarmos, acompanhá-lo hemos ao cartorio municipal, e ali se lhe mostrará a praça do peixe... pintada, como dos nossos melhoramentos o mais moderno... e o mais barato: custou só cem mil réis...

Ao fallarmos assim da planta, não é nosso intuito desvirtuar a boa vontade expressa por parte da pessoa ou pessoas que concorreram para o seu levantamento; é lamentar simplesmente que esta amostra de bons desejos se quedasse em tão pouco e por razões que a ninguém é estranha a sua pouca lisura.

Aos curiosos havemos tambem de lhe mostrar a avenida. Esta foi um amavel presente das generosidades do Estado, se bem nos recorda acolhido em Loulé com o regosijo característico de quem vê para breve o resurgimento d'um astro precursor de bonanças para variadas tempestades financeiras.

Já, ali a temos, ainda que por enquanto nas simples e sujas proporções de charco. Entretanto temo-la, e, ao contrario do que irrisoriamente succederá por largos annos á praça do peixe, a avenida que ali se ostenta não é pintada.

Impellida por mão potente e aquecida ao calor vivificante d'um ministro d'obras publicas generoso, ella fortaleceu-se e desenvolveu-se ao ponto de largar os limites embryonarios do papel pergaminho da sua planta, para vir estender-se em Loulé, dos cadoucos aos Innocentes, em caprichos

de cobra inoffensiva e benéfica, que generosa, e sob certa influencia magnetisadora, vae aqui e acolá tocando todos os pontos, que um ser mysterioso lhe apontou como mais precisados do contacto salvador das suas roscas virtuosas e expropriadoras.

Assim, portanto, não ficaremos possuindo, como nos parece seria possível, uma rua direita, sem recantos, construída em condições modernas e uteis; dotar-nos-emos com um labyrintho, com uma passagem comprida e tortuosa, emfim, com uma avenida-cobra, ou, por outro modo, uma cobra-avenida.

Quem sobretudo lucrou com o facto, não foram só os possuidores de velhos predios salvadoramente demolidos; foi tambem a zoologia, enriquecida por esta sorte com a descoberta de mais um raro exemplar para a sua secção das *gibosas* e escarabeis. A serpente, a cascavel, a cobra, todos estes specimenes representam já outras tantas gastas e estafadas vellharias da Historia Natural.

Novo, novissimo, só a *avenida-cobra*, essa que ali se nos depara toda em recurvos, toda *envolvida*, só para que a alguém podesse ser fornecido o providencial e ganancioso conselho de *desenvolver-se*.

A primeira vista, esta nossa asserção a propósito d'uma coisa que *enrola* para *desevolver-se*, parece insinuar-se sob uma feição paradoxal, ou traçada em moldes de charada emigmatica; não retine, porém, nem uma nem outra propriedade e convencer-se-hão d'isso todos os que nosorem e se derem simultaneamente o incommodo de cogitar sobre os pontos em que no nosso artigo usamos d'uma calculada ambiguidade.

Cogitem, pois, um pouco e verificarão em seguida que as nossas opinões são em tudo positivamente consentaneas.

De melhoramentos, portanto, temos uma praça de peixe *pintada* e uma *avenida* nas condições que apontamos.

E é que não ha precisão de mais, segundo parece, visto que ninguém ainda aventou a idéa de que era necessario possuirmos mais alguma coisa. E, comtudo, mais alguma coisa poderiamos ter, se esses todos a quem o povo, não sempre escrupuloso, tem feito assentar nas cadeiras do municipio assim o tivessem desejado, cuidando com mais amor e brio das exigencias dos seus honrosos logares.

Não pretendiamos ver Loulé cortado de largas avenidas e imponentes *boulevards*, ou exhibindo vastos jardins povoados de custosas estatuas, porquanto e apesar d'inegavelmente importante, não se recommenda esta qualidade por tal forma que possamos exigir d'ella o valor sufficiente para a consecução d'aquelle tão appetecido grau d'opulenta prosperidade.

Não nos conduz tão longe a nossa ambição, somos de mais modestas pretensões; mas, note-se, que nem por isso renunciaremos nunca o direito indiscutivel, senão dever imprescindivel, que nos assiste d'energicamente verberar o desdem censu-

ravel com que os altos poderes d'este concelho tem ohado o seu destino na carreira progressiva que hoje tudo caracteriza.

A Loulé é devido mais alguma coisa, se é que já alguma coisa tem que não sejam atrasos e immundicies; é mister, ha obrigação restricta de se lhe proporcionar commodidades e regalias que não disfructa; é necessario, impoe-se como um dever rigoroso o eleva-la a um nivel d'adiantamento moral e material, que a distinga da categoria tacanha em que hoje se encontra, de aldeia sertaneja e pelintra.

Temos ali um novo senado e não ha que deprecia-lhe os merecimentos, se attendermos que tão alto se levanta a fama de que geral e nunca vista foi a força de sympathia publica que lhe deu o ser.

Pois bem: Não ponhamos de forma alguma em duvida a honestidade e outros predicados que eremos concorrem nas pessoas d'alguns dos membros do nosso actual municipio, e seja d'elles que exijamos a cura para os males que relatamos.

Faltam-nos praças; não temos ruas bem calçadas nem com o aceio devido, e é o contrario d'isto que nós queremos.

Sejam, portanto, preenchidas estas faltas, porque só d'esta sorte nos farão acreditar que a camara que temos é tão boa que sabe em tudo corresponder ao fim digno com que lá se deve achar todos os seus membros: o de promover e pôr em pratica tudo o que, ao contrario de demittir empregados velhos e honestos, signifique, por outra forma, beneficios para o concelho que representam.

Notas algarvias

(Geologia do Algarve)

O engenheiro Carlos Bonnet, geologo de algum valor, percorreu, por ordem official, o Algarve, em duas viagens, em 1846 e 1847.

O resultado d'essas excursões scientificas encontra-se na *Memoria sobre o Algarve*, impressa pela Academia em 1850.

Divide o Algarve em tres regiões ou fuchas, *beiramar, barrocal, e serra*.

Na região da beiramar reconhecem-se formações terciarias, e quaternarias, alluviões e areias.

No *barrocal*, calcarios secundarios, argilas, marnes, e rochas eruptivas mais ou menos basalticas. Na *serra*, os schistos, e nos pontos culminantes os granitos.

Isto como se vê é uma divisão muito geral, com o merito todavia de apresentar em poucas linhas um esboço da formação do solo algarvio.

Em tão curto espaço estão representadas tantas e tão diversas formações; é uma condensação; principalmente entre Monchique e a costa maritima de Lagos a S. Vicente a variedade, a complexidade da formação geologica, é pasmosa.

E note-se, nos pontos culminantes de Monchique é ainda bem diversa a natureza da rocha,

(6) FOLHETIM DO LOULETANO

NOTAS A LAPIS

Na carteira de uma ex-collegial

Aldeia do C. 22 de março, an. 1895

11 horas da noite, 24 de abril.
Já o conheço! Como elle é diferente do que eu imaginava.

Ha tres dias, ha tres seculos que deixei de o ver... Tenho, aberto, por deante de mim, o leque, aonde, a meu pedido, elle escreveu tres estrophes das que lhe ouvi recitar...

Mas porque não reconstruir no meu cerebro, dormente, todas as scenas que se lhe imprimiram n'esses dias?

Então, julgava-me em um sonho feliz, cujo despertar me fazia talvez morrer... Porque não julga-me agora desperta, como então me julgava adormecida?

Cheguei a casa da minha Call ás nove horas da manhã de sabbado 18. Fatigada por uma noite de caminho de ferro, passada em uma anciedade indisciplivel...

Depois de um banho, e de um ligeiro almoço tomado na companhia da minha mamãe e da ma-

drinha d'ella, descemos ao parque e, de braço, por entre dois renques de tilias e garvalhos, fomos passeando até ao lago, em roda do qual, a Call cultivava as flores da sua predilecção: *reséda*, *verbena*, *begonias*, *myosotis*...

Como nós somos diferentes até no gosto (ainda bem). Eu, prefiro a tudo, as rosas de chá e as violetas singelas.

—Então?—perguntei—quando vem elle?
—A noite... traz o amigo, sabes? O Antonio, que é uma maravilha, uma belleza, um rei...

E eu tapando-lhe a bocca:
—Pois sim, mas falla-me do meu... diz-me que ha de gostar de mim, anda, depressa, repete-me todas as suas palavras, todas... todas...

—Não me lembro já; eu só fixo as que o outro me diz a mim, entretanto vou dar-te o retrato para te desiludires... ou encantares... deixo isso na tua mão... e eu vou á sala de baile ver como arranjam as ultimas cousas para a *soirée*. Porquê temos muitos convidados... muitas pessoas distinctas e uma só verdadeira... o Antonio.

E, como uma ave, a Call voou a buscar-me o retrato e retomou o vôo para a sala. Se disser que mais de meia hora olhei para o retrato sem o ver não mintos.

Era elle... era o seu busto elegantemente traçado em um cartão. O cabelo todo para traz, a testa deliciosamente talhada, os sobr'olhos compridos e o olhar levemente atravessado como, se

estivesse vendo, fóra d'ali, alguma coisa que, porventura, lhe tivesse ficado impressa na retina...

—Que bonito rapaz! mormurei e insensivelmente levei o cartão aos labios... de repente olhei em volta de mim, corei—senti o calor na cara—e desabotoando o corpete escondi-o no peito. Ficou sendo meu; de balde a Call tentará reapoderar-se d'elle...

A's quatro horas da tarde fomos preparar-nos para o jantar que só devia servir-se depois da chegada do comboio do Porto... depois da sua vinda. Pela primeira vez da minha vida deixei de me saber vestir... nunca me achei tão feia! a Call acha-se muito bonita; quem me dera ser assim!...

O vestido d'ella era de *crepon* azul e o meu côr de rosa.

Algumas horas depois ouviu-se o rodar d'uma carruagem, a D. Margarida levantou-se—parecia ter menos vinte annos—e foi esperar o filho ao cimo da escada. Eu fiquei encostada á pedra do fogão, sem dizer nada e com os olhos pregados no reposteiro meio corrido, oscillante ainda, pela sahida d'ellas. *Ellas*. Porquê mais feliz do que eu, a Call ponde, decentemente, seguir a madrinha...

E no mesmo instante, entraram todos, o Joaquim abraçando a mãe pela cintura e a conversar, muito senhor de si...

—O meu filho... a sr.^a D. Carminho, a amiga da Call... Elle inclinou-se com muita elegancia e eu estendi-lhe a mão... estava tão transtornada!...

Elle era, e é, tão bonito, tão bonito... Ao jantar minha mãe ficou á direita do Antonio de... e a D. Margarida á esquerda. E defronte nós: O Joaquim comigo á direita e a Call á esquerda.

—Sabe que desejava muito conhecê-la de perto?
—Porquê?
—A Call nunca lhe disse porquê?
—Disse... disse...

E elle com *aquelle olhar* que a Call não soubo descrever, queimou-me toda, toda...

Eu fiquei perdida sem poder perceber-lhe, do olhar, mais do que o fulgor desmedido que me deslumbrou, queimava e... cegava...

E' um *charmeur*. Tenho a certeza de que todas as mulheres hão de gostar d'elle e sou muito infeliz por isso... muito...

O serão que se seguiu a este jantar, ha de contar-se sempre, entre os melhores da minha vida.

A's nove horas da noite estavam todas na casa de trabalho da D. Margarida, muito singelamente adornada mas de um conforto raro.

Sentámos em volta da mesa onde estavam dispostos varios objectos da Call, como meadas de filoselo, tiras comegadas, lapis diferentes, uma caixa de tintas, jornaes, livros, etc.

(Continua).

a Foya é mui diferente da Picota, e por isto são bem diversas também as flores das duas montanhas, tanto que até as vistas pouco experientes logo reparam nos tons variados das duas vegetações. Bonnet fez algumas observações especiaes.

Junto ao cabo de S. Vicente ha rochedos separados da terra formando ilhéos inacessiveis; a maré cobre alguns, outros ficam a descoberto.

Nas rias, nos estuarios algarvios ha depósitos antigos, lodos, lameiros, a descoberto, ou occultos por mantos de areias. Carlos Ribeiro estudou alguns de taes depósitos, depois de Bonnet.

A formação actual dos areaes, as ilhas e deltas produzidos pela acção do mar, a erosão das escarpas, os desabamentos das rochas calcarias, a obstrução das barras e portos maritimos merecem tambem muita attenção.

O oceano trabalha sem descanço; é um sapa-dor sem feriados, um demolidor de montanhas; ao mesmo tempo que desfaz a rocha, elle vai lavando os detritos, polindo calhãos e formando areias.

Em todo o litoral portuguez o mar desde muitos seculos está fabricando areias, que vae accumulando sempre a sul, provavelmente por causa da corrente lenta, constante, poderosa que segue ao longo da costa caminhando para sul. Vejam-se as barras do Minho, Lima, Douro, Tejo e Sado; as escarpas estão ao norte, os cabedellos, as accumulacões de areias, estão no lado sul.

No meso o tempo os rios, os ribeiros, os regatos cheios pelas enxurradas, são linas escavando sempre nas terras, nas montanhas internas. Escavando por vertentes, entulhando os baixos; sistemas niveladores.

Junto de V. R. de Santo Antonio ha uma enorme praia de areia. Em toda a costa de Caceia a Faro o mar pela ariminação das areias tem formado ilhas e deltas e alagadicos. Estas ilhas não datam da mesma epocha, algumas são muito antigas; alteram-se e nas suas peripherias, mas augmentam sempre.

No Tejo o areal tem augmentado de modo que se torna bem sensivel em tempos relativamente recentes; ha gravuras do seculo passado que mostram a torre de Belem completamente cercada de agua; ao mesmo tempo, no começo do seculo actual in-se a pé exuto da Trafaria a torre do Bugio; quer dizer tem havido deslocacão das areias.

Não creio que tenha havido oscillações da terra; abatimentos ou elevações da costa, nos tempos historicos; o caso actual da praia do Espinho, que evidentemente tem abaido, é modernissimo.

Mas exactamente as ruinas romanas de Budens, de Portimão, etc., na costa algarvia leva-me a crer que ali não tem havido oscillações do solo nos tempos historicos. Como na Troia, em frente de Setúbal, onde as ruinas d'uma vastissima povoação romana, emergem do grande areal. Os alicerces das casas, a posição das muitas salgadeiras, estão como primitivamente, não denunciam mudanças de nível, o areal sim, esse augmentou, cresceu, e dominou a povoação.

Os terremotos são causas notaveis tambem de alterações nas costas. E o Algarve fornece prova d'isto. Na violentissima commoção de 1 de novembro de 1755, uma vaga com areia, enorme, rebentou em todo o litoral, entrou pelas barras e estuarios, e areiou tudo.

Em certas praias, em determinadas occasões, na coincidência da vaga que retira com a que avança, em determinado ponto de força, a agua forma rodopios, levanta as areias, ou o lodo, e a outra vaga seguinte, apanhando essas aguas carregadas, atira com ellas a praia. E quando as areias perdem a grande impulsão, a areia ou o lodo deposita-se; e retira limpa e descarregada a onda.

A grande onda de 1755 que alastrou o litoral algarvio deixou areias em muitos sitios, e lodos n'outros.

Assim no Algarve, mais que em outro qualquer ponto da península, este trabalho das causas naturaes está em actividade; mas o que ali torna a questão mais interessante é que se pôde fazer a chronologia d'essa evolução; porque as ruinas pre-historicas, romanas, medievas, estão a marcar epochas, a marcar datas bem determinadas, em casos bem diversos entre si.

Na grande inverneira de 1876-77, o Guadiana encheu tanto que subiu junto a Mertola a altura inaudita, de memoria de homens.

A enchente produzida pelas aguas pluvias denudou, junto a Mertola, um cemiterio arabe. Estas campas estavam tão soterradas que sobre ellas se erguia um antigo pomar. Ninguém imaginava que sob taes arvores havia um cemiterio; e havia ali uma camada de alluvio de quasi tres metros de possança. Quer dizer depois do dominio agarenno em Mertola as forças, as causas naturaes formaram alluvioes de tres metros, e desde o seculo XIII, o Guadiana não soffreu uma enchente tamanha como a de 1876.

São dados preciosos para a chronologia geologica, porque é problema captivante de ha muito dos estudiosos este de saber quantos seculos são precisos para formar uma camada de cal, para fossilisar um bisco ou um tronco de arvore.

Na questão do areamento do Mondego tambem é bom elemento. O entulhamento do alluvio em frente de Coimbra, em sete seculos, tem subido dez metros, como se prova pelas edificações soterradas.

No litoral algarvio ha factos muito interessantes que marcáremos em outras notas.

GABRIEL PEREIRA.

Partiu na quarta-feira para Beja, onde se acham sua ex.ª esposa e filhos, o nosso presadissimo amigo, dr. Antonio Guerreiro Falleiro, meretissimo juiz de direito da comarca de Lagos e actualmente em gozo de licença para tratar da sua saude.

Este nosso bom amigo esteve algum tempo n'esta villa em casa de seu mano dr. Lança, digno director politico do nosso hebdomadario, onde encontrou algumas melhoras para os seus padecimentos.

Que o vejamos em breve completamente restabelecido são os nossos mais ardentes desejos.

Inaudito!—Na noite de segunda-feira da proxima passada semana, reuniu a assembléa geral da *Cooperativa d'Instrucção e Recreio Popular*, para resolver acerca da admissão de 25 socios, conforme as ordens do sr. governador civil de Faro.

Naturalmente havia grande interesse no resultado d'esta sessão e por isso foi ella bastante concorrida.

Um socio, ainda bastante incommodado em consequencia da fractura d'uma perna, quiz tambem concorrer, e fez-se conduzir de trem á casa da associacão; mas ao querer apeiar-se foi violentamente agredido por gritos de fora, fora, e grossa pancadaria sobre os cavallos, cocheiro e um outro individuo que o acompanhava na almofada do trem.

Toda esta arruaça impediu que o trem parasse junto á porta da sociedade e, por consequencia, que o socio que ia dentro tomasse parte na assembléa da *Cooperativa*. Mas o mais curioso é que o cocheiro e o individuo que ia a seu lado na almofada, ainda depois de tosados foram presos, no Largo da Matriz, por um zeloso policia.

O administrador do concelho mandou, horas depois, soltar os presos.

No dia seguinte, o individuo que ia na almofada, o sr. José Martins, senior, queixou-se em juizo, por offensas corporaes, dos srs. Francisco J. Bernardino e Brito, escrivão interino de direito, EdUARDO de Freitas Azevedo, fiscal de cantoneiros, e João L. Ferreira Barros, procurador.

Estes factos occorridos á porta da *Cooperativa* não nos surprenderam nem nos indignaram; são a continuacão de muitos outros, proprios de selvagens, praticados á sombra protectora do sr. governador civil de Faro e com o applauso intimo e publico do sr. delegado do procurador regio da comarca de Loulé.

..... Tripudia, sandeus,
..... Que não existe força e não existe Deus!

Notas algarvias

Sob este mesmo titulo ençetamos hoje na nossa folha a publicacão d'uma serie d'artigos firmados pelo nome brilhante de Gabriel Pereira.

Está n'isto só toda a pomposa recommendação que porventura quizessemos fazer ao bom gosto dos nossos leitores, pois que ninguém ha que desconheça o que aquella illustra individualidade merece como distinctissimo archeologo, ou como primoroso homem de letras.

Por tudo isto é, pois, facil de prever qual o interesse e belleza que distinguem todas as obras de s. ex.ª, mormente aquellas em que, como nos artigos com que nos honrou, se lhes offerecem campos proprios á sua manifestação de sabio e de estylista.

Assim, justamente ufanados pela tão distincta collaboracão, ha egualmente motivos de sobejo para felicitar-mos os nossos caros assignantes e leitores pelo ensejo delicioso que se nos apresenta de lhes proporcionarmos leitura agradável e utilissima.

Visita.—Esteve ha poucos dias em Loulé, de visita ao nosso particular amigo sr. Ricardo Villa, o seu estremeado irmão, o sr. Ignácio Villa, da villa de Reguengos.

Jornaes.—Recebemos e muito agradecemos a visita de mais dois collegas—O *Mamoelinho d'Evora* é o primeiro numero do *Noticias do Algarve*, folha noticiosa que acaba d'encetar a sua publicacão em Faro.

A este novo collega ambicionamos muita vida e prosperidades que correspondam bem aos seus desejos.

A commissão departamental de soccorros a naufragos, em Faro, da qual é vice-presidente s. ex.ª rev.ª, o digno prelado d'esta diocese, por proposta do sr. governador civil, lançou um voto de louvor á commissão promotora da regata que ultimamente se realisou na *Praça Larga*, e cujo producto reverteu a beneficio do cofre de soccorros a naufragos d'aquelle departamento; e bem assim ao sr. visconde do Pomarão pelo valiosissimo auxilio que prestou á mesma commissão.

Finou-se no Algoz o sr. Paulo Marreiros Netto pae do nosso amigo o sr. padre Joaquim Marreiros Netto reverendo parcho da freguezia do Ameixial.

A este nosso amigo e á sua ex.ª familia os nossos sinceros pezames.

Gabriel Pereira

Tem passado incommodado de saude este nosso illustradissimo collaborador.

De coraçào estimamos as suas rapidas e preciosas melhoras.

Estiveram na passada quinta-feira n'esta villa os nossos estimados amigos e distinctos correligionarios politicos, os srs. Antonio Manuel Pereira Caldas e Manuel de Vasconcellos, de Silves.

Partiu na sexta-feira passada de Faro para Lisboa no gozo de licença, o nosso particular amigo e assignante, o sr. Nunes da Silva, digno commandante da esquadriha.

Que passe por lá o carnaval bastante satisfeito e que regresses com saude, é o que sinceramente desejamos.

Veiu á nossa redacção Olympio Baião queixar-se-nos de que uma sua filha menor de 13 annos havia sido desflorada e infectada por doença grave. E' tão revoltante e abjecto um tal crime que nos abstemos de fazer considerações esperando que, o poder judicial, que já tomou conhecimento do facto, fará toda a luz no respectivo processo afim de que não fique impune o miseravel heroe de tão repugnante feizo.

Chronica alegre

Alegre chamamo-lhe nós, e entretanto não dirá quem a ler.

Se assim fór, — naturalmente é, — o caso não nos amofinará de maior. Depois para que ralar-nos?!

Dissemos Chronica Alegre! está dito. Quando outro merecimento não ençerre, tenha ao menos a alegria que se lhe irradia do titulo.

E' o caso do desgraçado pintor de retratos. Tinha tanta verdade nos seus quadros, o esbatido das tintas e a rigorosidade dos perfis eram de tal forma executados e copiados, que nenhuma das suas obras poderia ser justamente apreciada sem a competente memoria descriptiva que em commum as acompanhava.

Quer dizer, que os retratos era vel-os e conhecidos: Todos ostentavam por debaixo, em caracteres de palmo, o nome do retratado.

Tal qual como um retrato do celebre pintor será hoje a nossa chronica:

Anuncia-se alegre, não haverá outro remedio senão sel-o, custe o que custar, ainda que da propriedade com que se inculca só haja de fallar o proprio titulo.

Tivemos uma semana toda salpicada de alegrias e tristezas, com arrotos de policia e ridiculos de auqtoridade. Houve casamentos ás dezenas, baptisados ás centenas, houve foguetes, houve bombas, prisões, espancamento de cavallos, e de gente, etc., etc.

Não faltou nada, ou, mais minuciosamente *chronicando*, faltou uma coisa só.

Entretanto, faltar uma coisa só onde tantas outras sobejaram, tal falta chega a não ser falta, mormente quando representada por objecto cuja posse muita gente está ainda por conhecer, e por isso mesmo, na posse do mundo inteiro. Sim, por que quem não a tem... todo o mundo é seu.

Estamos na semana gorda, na foliona, semana da bambochata, obrigada a bisnagas e *salsifre*. Mas a nossa terra entrega-se escassamente ao gozo d'estas diversões inoffensivas. Não lhe está na indole o uso d'estas inharias; é macambuzia, *casca grossa*, preferindo, soffrega, o espectáculo bellico e qualquer reunião de assembléa geral tumultuosa, á surpresa galante d'uma mascarada de espirito e ruidosa.

Haja vista o alvoroço com que meia villa affluu ao local em que dois homens indefesos e dois cavallos pacificos, avaliaram corporalmente do peso e boa qualidade das bengalas de tres valentes de occasião.

No fim de contas tudo isto tem a sua razão de ser. Mascaradas, verdadeiras entrudadas observamos nós em Loulé, durante todo o passar d'um anno. Pois que, senão uma entrudada, é a forma porque no nosso *burgo* é costume ver tratar as cousas mais serias?! Aqui, o carnaval, vae de terça-feira gorda a terça-feira gorda, deslizando ininteruptamente e accentuando-se nas suas phases mais notaveis e agudas pela applicação indispensavel e barulhenta d'uma dose de pyrothechnia furiosa.

E' foguetes porque chegou, é foguetes porque partiu e é ainda foguetes porque não partiu nem chegou. E' um estrondear constante, um fragor permanente, um perpetuo movimento de partida e chegada de cyrios.

E só assim se explica que o carnaval de 93 seja como os seus collegas dos mais annos, repassado de sensaboria, impregnado de tédio, visto que a força de espirito e de folia que podia caracterisar o decorrer d'esta epocha, universalmente folgazã, foi cá consumida anticipadamente em berradoras marchas *au flambeau* e em jornadas bombasticas de meia noite.

Ha porém um facto que nos enche de espanto, que nós assombra, no meio d'esta atmosphera de fogos de artificio, em plena era de foguetes e archotes, como outr'ora, segundo a historia, as hoves de ouro e cebra: é o esmorecimento, o pouco vulgar indifferentismo com que em Loulé foi recebida a noticia de que em Lisboa e no nobi-

lissimo empenho de roubar o paiz á voragem de um abysmo e ruina fatal, se haviam afinal encontrado homens, cujo talento, cuja abnegação, os recommendava como os unicos heroes, os unicos salvadores d'este Portugal perdido.

Pertence á *Vanguarda* a honra e privilegio d'essa notavel e grandiosissima descoberta; conforme a sua e nossa opinião, este jardim de laranjeiras e syndicatos ia n'um sino uma vez entregue o seu destino ás mãos limpas e milagrosas d'esta hoste cavalheirosa.

Presidencia e guerra—José Dias Ferreira.
Justiça—Mendonça Cortez.
Reino—Marçal Pacheco.
Fazenda—Mariano de Carvalho.
Estrangeiros—Emygdio Navarro.
Marinha—José de Azevedo.
Obras publicas—Marquez da Foz.

E' o que ha de melhor no nosso mundo de moralidade. Diogenes e a sua lanterna pedindo megas á *Vanguarda* ficaria n'um caso d'estes vergonhosamente corrido e de acreditado.

Esse ministerio que venha. Eleve-se o corpo de policia civil ao triplo d'aquelle que ahí temos; impulsionese a industria nacional, creando fabricas de apitos por toda a parte, e o velho Portugal, a nação varão da Europa, reatará a serie de sublimes tradições que interrompeu.

Regresso.—Regressou na sexta-feira de Lisboa, para onde tinha saído no domingo passado, o nosso amigo dr. Virgilio Francisco Ramos Inglez, dignissimo deputado por este circulo plurinominal de Faro.

Segundo diz o *Seculo* d'hontem, s. ex.ª achase desgostoso com os trabalhos da camara dos srs. deputados, e tem pouca vontade de lá voltar.

Foram mandados louvar, em portaria regia, o commandante da canhoneira *Faro*, o digno 1.º tenente sr. José Francisco da Silva, e os officiaes e praças da guarnição do seu commando, pelo importante serviço que prestaram salvando, em circumstancias difficeis, a barca portugueza *Faro*, que ultimamente encalhou á entrada da barra de Ohão.

Felicitemos os nobres marinheiros pela merecida distincção que receberam.

Pelo tribunal de verificação de poderes foi julgada valida a eleição por Villa Real de Santo Antonio, em virtude de que já prestou juramento na capara dos srs. deputados o sr. engenheiro Frederico Garcia Ramires a quem havia sido conferido o diploma pela assembléa de apuramento.

Não vingaram as trapaças na assembléa de Martimlongo.

Está entre nós o nosso bom amigo sr. Nicolau José dos Reis, distincto empregado da acreditada firma commercial da praça de Lisboa, Anjos & C.ª

Entre um liberal e um bohemio:
—Eu, meu velho, sou de opinião de que se deve partilhar tudo; como irmãos...
—Toca! offerego-te metade das minhas dividas.

Indignação de Bacho:
Um bebedo titubeando esbarra em uma fonte.
—O que me querera ella? Já lhe eu pedi alguma cousa?

Despacho.—Consta que ainda não está feito o despacho para o reitor do lyceu de Faro, mas diz-se que será nomeado o sr. Vicente Baptista Pires.

Em um baile dado pelos officiaes do regimento:
—A mamã tem gostado immenso do seu baile, acha amabilissimos os velhos officiaes...
—E v. ex.ª?
—Eu! Coronel, eu prefiro os que... ainda não são reformaveis...

Um cavalheirs espera na sala a entrada do papá e da mamã, enquanto Bebé lhe salta nos joelhos... mas de repente Bebé empinando-se, bate-lhe na calva:
—Diz, anda, é aqui que tu levas agoites?... quando és mau?

Foram condemnados em França, como implicados na questão Panamá, os srs. Francisco e Carlos Lesseps em cinco annos de prisão e 3:000 francos de multa, os srs. Fontane e barão de Cottu em dois annos de prisão e 3:000 francos de multa, todos por burla e abuso de confiança, e o sr. Eiffel, empreiteiro, em dois annos de prisão e 20:000 francos de multa, por abuso de confiança.

Este resultado, verdadeiramente pasmoso, em face da immoralidade que lavra por toda a parte, ainda não satisfaz completamente a opinião publica da grande republica, e por isso na sessão da camara dos deputados, do dia 8; Cavaignac apresentou a seguinte noção:

A camara resolve apoiar o governo na repressão de factos de corrupção e está disposta a impedir a volta de antigos usos governamentais.

Esta noção foi coberta de applausos e approvada, depois de accete pelo sr. Ribot presidente do conselho, por 446 votos contra 3.

Sem sermos pessimistas parece-nos que entre nós se não tem procedido com igual energia nos variados Panamás, que por ali, têm apparecido e medram ainda.

Longevidade.—Vive no sítio de Mouralé, da freguezia de S. Sebastião d'esta villa, uma mulher de nome Ignacia Thereza, viuva do Francisco José Lampreia.

Conta Ignacia Thereza a famosa idade de 102 annos, e, apesar de gualdidos todos estes jan-ros, ainda se encontra apta para a pratica de todos os serviços de sua casa, que não demandem certo apuro de vista, porque só a esta particularidade os 102 annos lhe causaram alguns estragos.

É numerosa a sua descendencia e de alguma forma caracterizada por uma certa distincção de bons costumes, assignalada no facto apontado pelo nosso informador, de que nemlun dos membros d'aquella geração foi ainda preso ou implicado em qualquer processo crime.

Procedem de Ignacia Thereza os seguintes individuos:

Table with 2 columns: Name and Count. Filhos: 6; Netos: 24; Bisnetos: 26; Trinnetos: 3; Total: 59.

Temos pois uma familia composta de 60 pessoas, e dadas as boas condições de saúde que distingue ainda o primeiro tronco, não será para grandes estranhas o facto da viuva do Lampreia poder, dentro de pouco tempo, gabar-se de ter tantos descendentes na familia como annos na idade.

Pois se ella poz tanta gente a produzir!

De passagem, esteve n'esta villa, na quarta-feira ultima, o nosso amigo, o sr. Jacintho Antonio Guerreiro, dignissimo empregado da acreditada casa commercial dos srs. Abreu & Loureiro, de Lisboa.

Enlace.—Conjorciou-se na segunda-feira, 6 do corrente, o nosso estimado assignante o sr. J. se Francisco d'Azevedo, honrado artista d'esta villa.

Estimamos, e eremos que todas as boas qualidades que em solteiro o tornaram um homem bemquisto, constituirão o penhor das felicidades que é dado desejar-lhe como homem casado.

Podem-nos e a cedemos gostosamente á publicação do seguinte:

Instituto de soccorros a naufragos

CONVITE.—Os membros da commissão departamental da vice-presidencia de sua ex. rev. o sr. Arcebispo-Bispo do Algarve, certos dos sentimentos humanitarios de todos os habitantes d'este districto, tem a honra de convidar os a inscreverem-se socios de tão util e humanitaria instituição.

Todos os paizes civilizados têm esta utilissima instituição sustentada pela iniciativa particular; a commissão convicta da sua utilidade e de que a sua realisação depende do concurso de todos, confia n'esse auxilio; esperando que dentro em pouco a importantissima população maritima d'este departamentó terá quem a salvo nas occasiões de perigo.

A inscripção dos socios é feita em Villa Real, Tavira, Ohão, Faro, Albufeira, Portinão e Lagos sedes das commissões locais, e em todas as freguezias em casa dos rev. parochos que depois enviarão as relações aos presidentes das commissões da respectiva zona.

Os socios do Instituto de soccorros a naufragos pagam 15000 réis de joia e as quotas mensaes de 100, 200 e 300 réis á escolha do subscriptor.

Secretaria da commissão departamental, 8 de fevereiro de 1893.

O SECRETARIO, Francisco Teixeira dos Reis. (1.º tenente)

A Cooperativa d'Instrucção e Recreio Popular, de Loulé, e o sr. Governador Civil de Faro

Existe ha já annos em Loulé uma sociedade intitulada Cooperativa d'Instrucção e Recreio Popular, com estatutos devidamente approvados, e composta, na sua grande maioria, por artistas que, agremiados pela iniciativa intelligente e util do dr. João Bentes Castel-Branco, têm sabido manter, com raro bom senso e justa comprehensão, a orientação pratica e eminentemente civilisadora que esta illustre homem de sciencia lhes havia indicado.

Ha pouco tempo, porém, dois mezes, se tanto, a politica, ou qualquer outra causa, que não vem para o caso agora averiguar, lançou a discordia n'esta associação, dividindo os seus membros em duas parcialidades—uma governamental, a que pertencem a maioria da direcção, o presidente e vice-presidente da mesa da assemblea geral, e outra, opposicionista—e motivando uma serie de conflitos, que, ainda, promettem continuar.

Completamente estranhos a esta associação, que

aliás nos tem sempre merecido toda a sympathia, e não desejando acirrar odios entre quem deve viver na melhor harmonia possível, temos abtido, muito propositadamente, de fallar das dissensões levantadas, embora sabendo que ellas tiveram por principal causa, não a discordancia sobre qualquer ponto que interessasse á boa direcção da collectividade, mas sim a acção perturbadora d'uns certos elementos que só parecem comprazer-se na fomentação da desordem em tudo. Mas hoje que conhecemos a intervenção do sr. governador civil de Faro nas questões debatidas na Cooperativa, entendemos do nosso dever expor ao publico a maneira pouco ou nada sensata porque este magistrado se tem havido. E, dispensando-nos de commentarios, apresentaremos simplesmente os factos, porque são elles por si mais eloquentes do que tudo quanto nós poderemos dizer.

Ultimamente, em 18 de janeiro, a direcção da Cooperativa, fundando-se n'um artigo dos estatutos, que diz:—«Em casos excepcionaes a direcção poderá aprovar de prompto qualqu'r candidato a socio contribuinte logo que seja proposto, quando reconheça que está nas condições enaradas no artigo 2.º» aprovou a admissão de vinte e cinco novos socios, apresentando como justificação da deliberação que tomara a necessidade de satisfazer com a maior promptidão as dividas da casa.

Quarenta e tres socios, de cento e vinte oito que compoem a sociedade, reclamaram d'esta decisão para o presidente da assemblea geral afim de que esta reunindo-se, resolvesse sobre a legalidade do acto da direcção. Mas o presidente da assemblea geral não tem duvidas sobre o procedimento da direcção, que aprova, desattende ou não toma conhecimento da reclamação.

Como explicação diremos que, segundo o art. 45.º dos estatutos, a assemblea geral só pode reunir a convite da direcção ou do seu presidente.

Em seguida a estes acontecimentos são chamados á administração do concelho os presidentes da direcção e assemblea geral e ali convidados pelo administrador a fazer reunir immediatamente a assemblea geral ou a não admitir nas salas da associação os novos socios.

Negada a acquiescencia a este convite, o sr. administrador, em 26 de janeiro, intima o presidente da direcção conforme resa a seguinte copia da contra-fé, que apresentamos sem a minima alteração:

—Mandado Joaquim de Souza Faisca, Administrador Substituto do concelho de Loulé, etc. Envirtude d'uma representação que me foi apresentada por alguns socios da Cooperativa de Instrucção e Recreio Popular d'esta villa, mando a um dos officiaes desta administração do concelho intimi em forma legal o perzidente da dericção Diogo da Conceição Quentino, para immediatamente faga saber a os vinte e cinco individuos admetidos para socios, em seccão que teve lugar em 18 do corrente, que não podem e nem devem frequentar a sociedade, não só, por lhes faltar os requzites necessarios, mas tambem, e principalmente por que não foi ainda rezolvido pela assemblea geral o portesto assignado por 44 socios, com relação á admissão dos mesmos individuos, conforme determina os respectivos estatutos, em casos identicos, portesto este que se acia em poder do Vice-presidente, em exercicio, da assemblea geral. Cumpra-se. Loulé 26 de janeiro de 1893. Eu Francisco de Assis da Franca Leal, escrivão interino que o escrevi. Faisca.

Considerando se não abusiva, pelo menos arbitraria, uma tal intimação, o presidente da direcção dirige-se ao sr. governador civil e expoe-lhe os factos. O sr. conselheiro Julio Lourenço Pinto, que é um cavalheiro extremamente delicado, recebe com attenção a queixa e assegura que immediatamente officiará ao administrador do concelho de Loulé ordenando-lhe que se não intrometa em assumpto que não é das suas attribuições.

Sabe-se que o sr. governador civil ou officio ou escreveu ao administrador de Loulé no sentido exposto, o que além d'isso é corroborado pelo facto d'esta autoridade comparecer na assemblea geral, que logo no dia 30 de janeiro se reuniu para a eleição de nova direcção, e na qual tomaram parte os vinte cinco socios, origem de tantas bulhas.

Esta eleição não se effectuou porque o sr. administrador não teve auctoridade para fazer serenar o burburinho levantado na assemblea.

Addida, pois, a sessão, o sr. administrador vai em pessoa á sede da associação e ordena que a casa se feche, tomando conta das chaves.

(A reunião referida tinha sido convocada para uma sala não pertencente á casa da sociedade, por esta não comportar um tão grande numero de individuos).

Assim ficaram as coisas até ao dia 4 do corrente mez, em que aos presidentes da direcção e assemblea geral lhes é communicado o seguinte mandado d'intimação:

MANDADO—Joaquim de Souza Faisca, Administrador Substituto do Concelho de Loulé, etc.

Em virtude da determinação do Excellentissimo Governador Civil do Districto, datado do primeiro do corrente, mando a um dos officiaes de diligencias d'esta administração, intime os presidentes da assemblea geral e da direcção da—Cooperativa d'Instrucção e recreio popular—ou quem legitimamente os substitua, para que, no prazo de tres dias, a contar da data da intimação, convoquem a assemblea geral da mesma sociedade, em harmonia com o artigo quarto dos estatutos, tomar conhecimento da reclamação apresentada contra a admissão dos individuos ultimamente votados pela direcção, pronunciando-se sobre a validade d'ella. A convocação da assemblea será feita com a necessaria antecipação para que todos os socios, possuum tomar parte n'ella; devendo communicar-se-me o dia e hora designados para a reunião. Loulé, quatro de fevereiro de mil oito centos noventa e tres. E eu Francisco d'Assis da Franca Leal,

escrivão interino, que o subscr. vi. Joaquim de Souza Faisca. Está conforme. Loulé, 4 de fevereiro de 1893, O official—João Florencio de Souza.

Em cumprimento d'esta ordem, o presidente da assemblea geral convocou os socios a reunirem-se n'uma sala estranha á associação; mas no dia designado para a sessão recebe nova intimação concebida nos seguintes termos:

MANDADO - O cidadão Joaquim de Souza Faisca, administrador do concelho de Loulé, etc.

Mando seja intimado o presidente da assemblea geral da Cooperativa d'Instrucção e recreio popular d'esta villa, ou quem legalmente o representar, para que faça a convocação que lhe foi intimada ho:tem na sede da referida Cooperativa, isto por constar n'esta administração, por reclamação de grande numero de socios, haver sido determinado que a convocação ordenada fosse feita fora do local competente. Cumpra-se sob pena de desobediencia. Loulé, cinco de fevereiro de mil oito centos noventa e tres. E eu Francisco d'Assis da Franca Leal, escrivão interino o subscr. vi. Joaquim de Souza Faisca.

Está conforme. Loulé, 5 de fevereiro de 1893. O escrivão interino, Francisco d'Assis da Franca Leal.

A maioria da direcção, o presidente e vice-presidente da mesa da assemblea geral e 30 socios, entregam immediatamente ao sr. governador civil uma representação, em que respectivamente pedem para que a reunião se não effectue na sala da sociedade, fundando-se na pequena capacidade da casa e no facto de anteriormente já ter sido feita em casa estranha; o sr. governador civil, porém, desattende os supplicantes e limita-se a dizer que já tinha dado as suas ordens ao administrador de Loulé. Ao mesmo tempo o presidente da assemblea geral officiaa ao administrador expondo-lhe a impossibilidade de contra-avisar todos os socios com respeito á alteração no local da reunião.

A' noite, contudo, á hora marcada para a sessão, os socios reunidos no local designado nos convites, sabendo que se havia passado, dirigem-se á sede da associação e tomam parte nas deliberações da assemblea geral, isto é, na ordem indicada pela intimação do administrador, a mandado do governador civil.

Em vista d'esta verdadeira exposição de factos, unicamente perguntaremos ao sr. governador civil de Faro se ainda tem mais alguma opinião sobre a intervenção da auctoridade administrativa n'uma sociedade que tem estatutos approvados, e aos que nos têm se julgam serio o procedimento do sr. governador civil.

Para os afilamentos de todos os pezos e medidas, foi para o corrente anno, superiormente designada a letra III.

D'um nosso amigo de Quarteira recebemos a seguinte noticia necrológica que em seguida publicamos:

A morte, essa cousa invisivel, ferina e desapiedada parca, a destruidora de todo o ente, que acaba de cortar o fio de mais uma existencia digna!... A do meu respeitavel amigo Augusto Antonio de Barros, de Loulé.

Sentindo verdadeiramente tão infausto acontecimento endereço aos illustres irmãos e a todos os parentes do finado a expressão sincera do meu pesar, e á memoria do meu bom amigo aqui deixado consignado o testemunho da mais indolevel gratidão.

Quarteira, 1 de fevereiro de 1893. M. A. Neves.

Lisboa, 9 de fevereiro

Decerto que os leitores do Louletano têm já conhecimento do celebre crime do Covões da serra do Monsanto. Ha annos, depois dos envenenamentos attribuidos ao dr. Urbino de Freitas, que um crime não alarma tanto Lisboa e em geral o paiz inteiro.

E' porque, de indole em geral pacifica e boa, não estamos habituados a que entre nós se perpretem esses crimes celebres, de que nos têm dado noticia os jornaes de Paris e Londres, e ainda por vezes os da nossa visinha Hespanha, e sempre acham echo em nossos corações os gemidos das victimas d'esses parias socios.

O crime d'este soldado é revoltante, porque ali parece manifestarem-se os instinctos da besta, sem serem suavizados pelo sentimento humano.

O algoz conduz a victima ao logar do supplicio, e, a sós com a natureza, com a sua consciencia, que de certo já o condemnou, fere, mata e tripudia sobre o cadaver d'aquella, que fora sua mulher, e que parece tanto o amara em vida.

Eu não sei mesmo se, perante a consciencia humana, o facto por elle allegado, mas ainda não provado, da infidelidade da mulher, lhe pode servir de attenuante para um crime tão hediondo, cercado de circumstancias tão aggravantes: é melindrosissimo o assumpto, para que, sem a minima paixão, e com a imparcialidade e rectidão devidas, nos pronunciemos sobre elle.

Tem sido perfeito e completo o serviço policial, judicial e medico-legal; louvores a todos que tanto têm contribuido para que se faça a maior luz sobre este tão lamentavel acontecimento.

Este facto veio mais uma vez provar a extrema necessidade d'uma morgue, o que já hoje possuem todas as cidades civilizadas.

O governo tambem já reconheceu essa necessidade e mostrou-se disposto a estabelecê-la n'um

annexo do hospital de S. José; segundo, porém, a opinião geral, e esse local mal escolhido, deendo-se-lhe preferir o aterro, por ficar mais central e para onde abundam os meios de viação.

Tem tambem alarmado a população de Lisboa o desenvolvimento do typho entre os estudantes do lyceu central, o que se attribue á casa onde se acha este estabelecimento d'Instrucção.

Têm-se envidado todos os esforços para que o lyceu mude de casa, até nas duas casas do parlamento já alguns pares e deputa-los se occuparam d'esta importantissima questão; os estudantes, atemorizados, resolveram não voltar ás aulas, se depois das actuaes férias o lyceu ainda estiver na mesma casa, mas o governo parece querer illudir a todos com as suas promessas, e não toma as medidas energicas que o caso reclama.

Pois bom será, que olhe para esta questão, não menos importante que a da invasão do cholera, com a qual se tem gaste milhares e milhares de contos, porque, n'este caso, tambem se trata das vidas d'uma geração, das vidas da população de Lisboa, entre a qual a epidemia se pode espalhar com a maxima facilidade.

(Do nosso correspondente).

LOULÉ—TYP. DO LOULETANO

ANNUNCIOS

TAVIRA

Na ourivesaria e relojoaria Simplicio, precisa-se, com bom comportamento, d'um official de relojoeiro.

EZEQUIEL DO SOVERAL RODRIGUES

Armazem de cereacs

S. THIAGO DE CACEM

Grande deposito de arroz

FORNECIMENTOS PARA TODO O ALGARVE

MUARES

VENDEM-SE na Mina de S. Domingos, concelho de Mertola, onde podem ser inspeccionadas, 20 muares boas, sãs, e de marca de 1.º 50 para cima, por não fazerem agora falta para os serviços da lavra.

Prefere-se a venda por junto, para o que se pede a quem convier queira dirigir-se á administração da mesma mina.

HOTEL DAS NAÇÕES

LARGO DA MAGDALENA, 85, 1.º e 2.º

LISBOA

N'este hotel, um dos mais bem acreditados da capital, encontram os srs. viajantes pelo preço de 15000 réis por dia um bom tratamento e quartos com o maior acoio.

O PROPRIETARIO,

Luiz Antonio Brandão.

ARRENDAM-SE

DIVERSAS moradas de casas e duas cercas, destas compostas de diversas arvores e parreiras, tudo pertencente aos herdeiros do fallecido Francisco José Soares. Tanto casas como cercas são situadas n'esta villa na rua do Terreiro do Ricardo e rua de S. Braz.

Quem pretender dirija-se a Manuel de Souza Bento, d'esta villa.

LUCIANO MARIA BAPTISTA

COM

Estabelecimento de fazendas de lã, seda, linho e algodão

S. BRAZ D'ALPORTEL

PARTICIPA ao respeitavel publico que acaba de tomar de trespasso um estabelecimento n'esta aldeia, onde se propõe vender a preço sem competencia todos os artigos proprios do seu estabelecimento, do que já lhe chegou um grande e variado sortimento de bon gosto.

O freguez que uma vez comprar no seu estabelecimento, jamais se fornecerá d'outro, attenta a modicidade de preços e boa qualidade das suas fazendas.

APROVEITAR, POIS

HOTEL MARQUES

POR CIMA DA ARCADE DA PRAÇA

LOULÉ

Permanece aberto e optimamente servido este antigo e acreditadissimo estabelecimento...

SEBASTIÃO CORPAS

COM ARMAZEM DE CEREAES E ESPARTO NO LARGO DE S. FRANCISCO LOULÉ

PARTICIPA aos seus antigos e numerosos freguezes que acaba de sortir os seus armazens...

MOBILIA BARATA

VENDIDA pelo mesmo artista que a faz. Camas á Inglesa, á Luiz XV, e toda a qualidade de mobilia...

Silva Junior.

A. TRIBOLET & C.

Deposito por atacado de papeis nacionaes e estrangeiros

DEPOSITO DE LIVROS PAUTADOS e riscados, para uso commercial

ARTIGOS PARA DEZENHO E ENGENHARIA

BILHETES DE VISITA EM TODO O GENERO

Impressos, lithographados e de chapa

Fabrica de carimbos de borracha

OFFICINA DE PAUTAGENS E RISCADOS em todos os generos, para livros commerciaes

Officina de timbragem em relevo

Typographia e Lithographia

ESCRITORIO—Rua dos DouRADORES, 20—LISBOA

SEMPRE BARATO

FAZENDAS, MODAS E CONFECCOES

MERCEARIAS

Vinhos finos do Porto e Madeira genebra, cognac e licores QUINQUILHERIAS

Pannos de seda e crina para peneiras

BOM SORTIMENTO DE GRAVATAS

COLLARINHOS E PUNHOS DE BORRACHA

No estabelecimento de

Alexandre J. N. Santos

LOULÉ

FRANCISCO SIMOES COUTINHO

3—RUA DOS CAPELLISTAS—5

Folha de Flandes de todas as qualidades, chumbo em barra, zinco, estanho, folha de ferro ondulada para telhados, arco de ferro, sortimento completo de ferragens e quinquilherias...

Azeites finissimos de procedencia de Abrantes e Castello Branco, por atacado e a retalho.

HOTEL AVENIDA

PRAÇA, 28—LOULÉ

ESTE hotel recentemente montado, está nas condições de servir bem todos os seus freguezes.

Tambem se encarrega de jantares, lunches, ceias, quer no hotel, quer em qualquer sitio que lhe seja determinado.

Pede a protecção do respeitavel publico o seu proprietario

MANOEL DE SOUZA VINTEM.

Armador e estofador

ELYSIO SANTOS & C.

83 a 93—RUA AUGUSTA—LISBOA

ESTA casa fornece estofos de todas as qualidades para decoração de casas, assim como alfombras, oleados, passadeiras, mobílias modernas, etc.

Vende por atacado e a retalho para todos os pontos do paiz, para as ilhas e ultramar, satisfazendo com promptidão as encomendas que lhe são dirigidas e acompanhadas do valor em cheque ou de boas referencias em Lisboa.

A perfeição do trabalho das suas officinas fez com que esta casa obtivesse o diploma de menção honrosa na exposição industrial portuguesa de 1888.

Manufatura

DE

BAHUS E MALLAS

DE

JOAQUIM DA SILVA

Mallas de couro, lona e tapete em diferentes tamanhos e classes Chapelleiras e sacos de caixa e diferentes objectos para viagem

412, R. Bella da Rainha, 44

(vulgo rua da Prata)

33, ESQUINA DA T. DE S. NICOLAU, 33

12, RUA DOS DOUADORES, 14

LISBOA

Preços sem competencia

RELOJARIA

DE

ANTONIO B. GUTIERREZ

Grande e variado sortido de relógios e correntes.

Concerta relógios de todos os sistemas, caixas de musica e bijouterias.

Rua Barbacem, 16, LOULÉ

CINTOS ELASTICOS

FUNDAS, MEIAS ELASTICAS, ALGALIAS, MADEIRAS, ARTIGOS CIRURGICOS, PERFUMARIAS, AGUAS MINERAES, PRODUCTOS CHIMICOS, DROGAS, ETC., ETC.

DEPOSITO—PHARMACIA ALBERTO VEIGA 40, R. Retrozeiros, 42

AS PURGAÇOES

(BLENNORRHAGIAS)

recentes, ou antigas, catarro de bexiga, etc., curam-se depressa e radicalmente com as: CAPSULAS DE ESSENCIA DE SANDALO

EMPRESA DE NAVEGAÇÃO A VAPOR PARA O ALGARVE E GUADIANA



GOMES VI

ESTE novo e excellente vapor, da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve, sae de Lisboa imprerterivelmente (salvo caso de força maior) nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sair em 6 e 21.

GOMES IV

CARREIRA SUPPLEMENTAR

ESTE já conhecido vapor acaba de inaugurar a sua carreira entre os portos do Algarve, Lisboa e Porto, fazendo duas viagens quinzenaes.

Os srs. carregadores serão avisados com antecedencia dos dias em que recebe carga. São excellentes as acomodações de 1.ª e 2.ª camaras d'estes magnificos vapores, e o convez offerece aos passageiros de 3.ª classe commodidade relativa, abrigando-os dos rigores do tempo.

PREÇOS DAS PASSAGENS PARA LISBOA:—1.ª classe, 4,000 réis; 2.ª classe, 3,500 réis; 3.ª classe, 2,500 réis.

Agente em Faro,

João Pereira d'Almeida.

PABLO GARCIA DELGADO

COM

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS DE Lã, SEDA, LINHO E ALGODÃO

PARTICIPA aos seus numerosos freguezes que acaba de receber um grande e variado sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras que vende por preços bastante reduzidos.

Preços sem competencia

ALMANACH

DE

S. Braz d'Alportel

(ALGARVE)

PARA O ANNO DE 1893

(1.ª DA PUBLICAÇÃO)

Editado por

João Manoel Rodrigues de Passos

Contendo, além do kalendario e outras indicações uteis, a descripção da aldeia de S. Braz d'Alportel e mais algumas noticias descriptivas referentes tambem a esta RAINHA DA BEIRA SERA, artigos litterarios, versos, anedoctas, receitas, composições enigmaticas, etc., etc.

Vende-se em S. Braz d'Alportel nos estabelecimentos dos srs. João Valente Machado, Manoel Rodrigues de Passos, José Vicente de Móra Faria, Manoel Martins Domingues, José Salvador Alves da Costa, João Viegas Antonino, José Belchior Passos e João Manoel Rodrigues de Passos.

Na Fuzeta—no estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues de Passos.

Em Lisboa—na Tabacaria Lima, Praça dos Restauradores n.º 18.

E tambem nas principaes terras do Algarve e Alentejo, etc., etc.

PREÇO 60 RÉIS

TYPOGRAPHIA

DO

LOULETANO

Esta typographia, que acaba de se instalar n'esta villa, está montada em condições de satisfazer a todas as encomendas taes como: procurações, ordens e mandados de pagamento, attestados, autoações, recibos, quitações de foros, participações de casamento, envelopes e papel timbrados, e todos os impressos para repartições publicas, etc.

CARTÕES DE VISITA EM BRANCO

100—400 réis, 50—240, 25—160

CARTÃO DE LUTO

N.º 1—010—500 réis, 50—300, 25—200 N.º 2—100—600 réis, 50—350, 25—250 N.º 3—100—700 réis, 50—400, 25—300 N.º 4—100—800 réis, 50—450, 25—350

Garante-se o bom cartão, a promptidão e a nitidez, por isso que esta officina tem boas machinas e typo novo.

ANNEL

Galvano-electrico

O ANNEL GALVANO-ELECTRICO póde usar-se em qualquer dedo das mãos, e cura infallivelmente as ENFERMIDADES NERVOSAS, como dores de cabeça, enxaqueca, convulsões e neuralgias.

Este annel é composto de dois aros conductores da electricidade, de zinco e de cobre, reunindo assim a base fundamental da Pilha Galvanica. Trazendo o annel no dedo, a transpiração acida d'este, estabelece a corrente galvanica, que percorrendo os nervos faz experimentar o alivio desejado.

Este grande descobrimento, inventado pelo celebre professor Raspail e aperfeçoado pelo professor Mantegazza, de Milão, foi approvado pelas academias de medicina e pelos melhores facultativos da Europa.

Depositos nas primeiras capitães de França, Alemanha, Italia e Inglaterra. O agente para a venda em Portugal e Hespanha,

PIETRO BOGNIER

previne o publico de que os unicos anneis genuinos, levam nada mais do que uma pequena marca R. P. devendo haver cautella com os outros como sendo imitações imperfeitas.

Encarrega-se de mandar vir os referidos anneis com a maxima promptidão recebendo a competente medida e 500 réis—JOÃO MANOEL RODRIGUES PASSOS, em S. Braz d'Alportel.